



HAL
open science

Uma pixação no muro do conhecimento

Jean-Luc Moriceau

► **To cite this version:**

Jean-Luc Moriceau. Uma pixação no muro do conhecimento. Ana Karina de Carvalho Oliveira. O aparecimento público de pixadores: arranjos posicionais de dissenso no combate ao pixo em Belo Horizonte, PPGCOM/UFMG, pp.37-41, 2020, Arguição, 978-85-54944-37-7. hal-02875988

HAL Id: hal-02875988

<https://hal.science/hal-02875988>

Submitted on 19 Jun 2020

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



O APARECIMENTO PÚBLICO DE PIXADORES

Arranjos disposicionais de dissenso no
combate ao pixo em Belo Horizonte

ANA KARINA DE CARVALHO OLIVEIRA
(ORGANIZADORA)



PPGCOM • UFMG

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A639

O aparecimento público de pixadores [recurso eletrônico] : arranjos disposicionais de dissenso no combate ao pixo em Belo Horizonte / Organizadora Ana Karina de Carvalho Oliveira. – Belo Horizonte, MG: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-54944-37-7

1. Comunicação. 2. Pixações - Belo Horizonte (MG). I. Oliveira, Ana Karina de Carvalho.

CDD 306.44

Elaborado por Maurício Armormino Júnior – CRB6/2422

CRÉDITOS DO E-BOOK

© PPGCOM/UFMG, 2020.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Atelier de Publicidade UFMG
Bruno Guimarães Martins

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Daniel Melo Ribeiro

DIAGRAMAÇÃO

Lucas Henrique Nigri Veloso

O acesso e a leitura deste livro estão condicionados ao aceite dos termos de uso do Selo do PPGCOM/UFMG, disponíveis em:
<https://seloppgcom.fafich.ufmg.br/novo/termos-de-uso/>

CAPÍTULO 1

Uma pixação no muro do conhecimento

JEAN-LUC MORICEAU

Gostaria de iniciar dizendo que esta tese é uma pixação sobre o modo tradicional de fazer pesquisa. O gesto de construção do trabalho, em vez de tomar uma teoria, aplicá-la a um campo e fingir conhecer melhor o “objeto” estudado que por outros é deixado de lado. Em vez disso, você constrói seu método de pensar, de ouvir, de aprender e de fazer uma cena dissensual, de mostrar os vários aspectos dessa cena. Voltarei a esse comentário mais adiante.

Trata-se, então, de uma tese de ótima qualidade, que foi produzida em um momento de grandes tensões e conflitos no Brasil e nas universidades brasileiras: um momento em que um dos objetivos do governo parece ser o de acabar com a pesquisa em ciências sociais. Isso sim é que pode ser nomeado de crime, muito mais do que a pixação.

Você trabalha a noção de arranjos disposicionais a partir de José Luiz Braga, articulando-o com autores cujo pensamento é de grande complexidade, como Foucault, Rancière, Butler e Deleuze, mantendo suas diferenças e acentuando suas interseções e complementaridades para produzir uma construção original, um edifício sólido e relevante. Gosto especialmente da forma como você se apropria e dialoga com Foucault para analisar a

imposição de poder sobre os pixadores e, ao mesmo tempo, de como você chama Rancière para mostrar como essa polícia pode ser abalada, descontinuada, fissurada.

Um outro aspecto muito relevante do trabalho é o equilíbrio que você confere entre o ato de “dar a voz” àqueles que pedem e a quem ela é constantemente negada e o gesto de trazer a palavra original dos pixadores para o mundo acadêmico. Não se trata aqui de uma autoridade que vai ceder o espaço para sujeitos marginalizados falarem, mas da criação de um lugar na escrita para que eles mesmos possam se expressar. A escritura produz o encontro de pensamentos e de formas de viver e conhecer o mundo. Você inventa, assim, um estilo próprio, uma poética do conhecimento, um diálogo polêmico para reconstruir um mundo comum, para produzir efeitos e, ao mesmo tempo, não impor uma voz acima das outras, facilitando a apresentação de várias outras vozes.

A perspectiva dos afetos te permite olhar para enunciações que ninguém vê, uma vez que ninguém quer saber do sujeito pixador, privilegiando a condenação ao pixo. Eles possuem uma paixão, uma vontade de justiça que não se esgota nas punições e ameaças do poder público. Eles não negam para si mesmos o estatuto de sujeitos que agem contra regras, mas reivindicam respeito e dignidade. Você partiu desse enigma, do fato de que eles não demandam a descriminalização do pixo (afinal, faz parte da experiência dos pixadores essa ação que desafia a lei), mas requerem uma outra compreensão do mundo, uma outra visão sobre suas práticas, uma escuta para outras vozes que são silenciadas pela punição, pela violência das ruas e do encarceramento, pela morte. Há um desejo de consideração, de curiosidade acerca do modo como os pixadores conseguem sobreviver na cidade, tornando-a palco de experimentações, enunciações e registros que são como restos, vestígios e traços de vidas que frequentemente são apontadas como descartáveis, como obstáculos a um pretenso “bem comum” legitimado.

Gostaria de destacar que podemos perceber como você mantém um grande controle da teoria utilizada, o que resulta na construção de uma voz e de um método singulares. Observamos na tese o nascimento de uma autora, produzindo uma tese que faz sentido, que atua e age onde os conceitos são “tomadas de palavra”, e demonstrando uma segurança no fato de que aquilo que a tese faz é abrir possibilidades outras de produzir

conhecimento pela igualdade. Enfim, suas decisões, escolhas, gestos teóricos e metodológicos resultam em um terreno muito interessante, original, respeitoso e vivo.

Dito isso, eu teria três questões para te apresentar. A primeira delas tem a ver com uma discordância: fazer ciência não é só apresentar um percurso metodológico original. Não concordo que a principal contribuição da tese para o campo da Comunicação seja apenas o método construído (e aqui vou deixar para o próprio Braga comentar acerca dos dispositivos interacionais). Como afirmei antes, esta tese é uma pixação no muro do conhecimento. Você nos apresenta uma escrita, uma assinatura colocada bem no alto desse muro para produzir uma reapropriação do conhecimento, para destruir a ideia de que há um muro, em vez de vozes que tentam entender e muitas vezes discordam das forças que atuam sobre a cidade, sobre os corpos, sobre as vidas. As produções dos pixadores têm efeitos sobre os estilos de vida e, de outro lado, há uma avaliação e julgamento constante de seus estilos de vida (o que nos lembra que há sempre alguém que define o que é bom, necessário, justo: o que vale menos e o que vale mais e deve ser preservado).

Sabemos que as desigualdades não podem simplesmente desaparecer de nossa sociedade: alguns não têm as mesmas oportunidades de falar, de serem escutados e de se tornarem legíveis para os outros diante dos quais demandam reconhecimento. Ao mesmo tempo, o conhecimento acadêmico está dividido em porções e segmentos que limitam e controlam as agências dos sujeitos. Nesse sentido, muito da descrição do efeito do dispositivo se arranja em torno da possibilidade de os pixadores tomarem a palavra: uma outra possibilidade de fala, já que eles nem sempre podem falar pelo pixo. Os nove encontros relatados, as pixações e os ambientes nos quais as reuniões se davam podem oferecer uma oportunidade única de produzir reflexividade acerca dos arranjos disposicionais dissensuais encontrados.

Sob esse aspecto, a primeira questão que gostaria de fazer é: Como esse método singular, que nos mostrou que os pixadores não são pretexto para produzir teorias, nos ajuda a compreender o mundo desses sujeitos? Quais as consequências ético-políticas desse gesto, do percurso empreendido por esta tese? Você acha que esse lugar reflexivo que foi construído em sua tese é um lugar bom para os pixadores? O que ele traz de volta para eles?

Uma segunda questão refere-se à relação entre teoria e método. Eles não são pólos separados e nem podem ser concebidos como momentos diferentes em uma pesquisa. O método é teoria, o método é ético e é político também. Gosto do modo como você vai sinalizando as bricolagens que inventou para costurar eticamente as diferentes vozes e materiais que compõem a cena dissensual da pixação em Belo Horizonte. Por isso, gostaria de te ouvir mais acerca de como sua poética do conhecimento conseguiu produzir tais articulações.

Por fim, uma terceira e última questão está ligada à pixação como escrita e assinatura que conectam o individual e o coletivo, a política e a ética. A pixação é um lugar de fala e que fala. Lembrando que o lugar de fala não se refere a uma posição identitária, mas às múltiplas condições que resultam nas desigualdades que localizam diferentemente os sujeitos e grupos em escalas de vulnerabilidade e exposição à agressão e à morte. Na composição do lugar de fala importam as articulações que percebemos entre as experiências singulares e as condições históricas e sociais que reproduzem essas escalas condenatórias de julgamento moral. Assim, é preciso desenvolver uma consciência discursiva sobre o lugar social ocupado e designado a sujeitos individuais e coletivos. Sob esse aspecto, falar não é somente emitir palavras, mas sobretudo refutar as narrativas tradicionais (legitimadas e naturalizadas) e a hierarquização de saberes, desterritorializando o discurso autorizado e único.

A pixação é um estilo, um modo de vida e de resistência, um jeito de existir: os pixadores querem, ao mesmo tempo, serem reconhecidos como pixadores e como mais que isso. Mas a pixação é mesmo uma forma de crítica, de dissenso ou de afirmação de um outro modo de viver, ou ainda de não morrer? Para você a pixação é mais um “sim” do que um “não”? Mais um gesto “a favor de” ou “contra”? Quando estamos lidando com a proposição de um outro modo de vida, é importante considerar a ressignificação dos espaços de existência, mais do que tensionar entre duas dimensões sempre presentes.

É isso também que diferencia as reflexões de Michel Foucault e Jacques Rancière (este alinhado com Butler e Deleuze). Talvez também seja essa a diferença entre o primeiro e o último Foucault que nos disse que o mais importante é buscar sempre “ser outro do que se é”, ou seja, um sujeito deslocado, transformado. Não ser mais sujeito como se foi até agora,

sujeito em relação a um poder político, a uma normatividade restritiva, mas sujeito de um saber, sujeito de uma experiência. Talvez os pixadores se arrisquem em seus atos e também em não ser mais aqueles que a identidade imposta dizem que são, insurgindo-se contra uma posição de sujeito fixada por outros. A recusa deles é, ao mesmo tempo, afirmação e resistência através das quais eles redefinem a si mesmos e aprendem a confiar na própria experiência, nos saberes e fazeres que inventam nos riscos do pixo e dos enfrentamentos com o poder público.

Não é esse o maior escândalo da pixação?